

## **NARRATIVAS AUDIOVISUAIS, PRÁTICAS EDUCATIVAS E OS PROCESSOS DE REINVENÇÃO DE SI E DO MUNDO**

**– o caso do Colégio Universitário Geraldo Reis**

Eixo 06 – Educomunicação, práticas e formação docente

Maria Cecília Castro<sup>1</sup>

Coluni-UFF

### **RESUMO**

Este trabalho traz reflexões sobre o desenvolvimento de uma pesquisa com crianças do quinto ano do ensino fundamental de um colégio universitário. O objetivo da pesquisa é relacionar experiências autorais de narrativas audiovisuais produzidas nos cotidianos escolares. Com base em teóricos que discutem as possibilidades de ações que potencializem e problematizem essas experiências, constatamos que estas produções ressignificam conhecimentos e saberes de maneira mais horizontalizada, valorizando outras formas de produção de sentidos e conhecimentos produzidos nestes espaços-tempos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativas audiovisuais; cotidianos escolares; práticas culturais; autorias; tecnologias.

### **ABSTRACT**

This work reflects on the development of a research with fifth year elementary school children. The objective of the research is to relate authorial experiences of audiovisual narratives produced in school everyday. Based on theorists who discuss the possibilities of actions that potentialize and problematize these experiences, we find that these productions re-signify knowledge and knowledge in a more horizontal way, valuing other forms of production of senses and knowledge produced in these space-times.

**KEYWORDS:** Audiovisual narratives; school everyday; cultural practices; authorship; technologies.

---

<sup>11</sup> Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Professora do Colégio Universitário Geraldo Reis da Universidade Federal Fluminense.

## 1- Introdução

Vivemos numa cultura eminentemente audiovisual. Sodré (2002) acredita que sociedade é/está cada vez mais *mediatizada*, pois a intervenção das tecnologias da comunicação *perpassam nossas instituições e relações cotidianas*. A partir deste fato, percebemos as alterações nos comportamentos e relações das crianças com as tecnologias da comunicação.

Barbero (2000), em seus argumentos, afirma que estamos diante de uma geração que experimenta de maneira diferente o uso das tecnologias, que aprende (e gosta) de escrever mais no computador do que no papel, que usa mais o polegar e o indicador nas telas touchscreen. O autor apropria-se do termo ‘plasticidade neuronal’ para fazer sua defesa da enorme capacidade dos adolescentes na absorção dessas informações. Ele afirma que:

[...] os jovens respondem com uma intimidade feita não só da facilidade para relacionar-se com as tecnologias audiovisuais e informáticas, mas da cumplicidade cognitiva e expressiva: é nos relatos e imagens, nas suas sonoridades, fragmentações e velocidades que encontram seu ritmo, seu idioma (p.90).

E, assim, produzem novos regimes que as imagens catalisam, transformam, e deslocam as fronteiras entre razão e imaginação, entre saber e informação, saber científico e senso comum.

Neste sentido, potencializaram-se pesquisas educacionais que estabeleçam relações entre educação, tecnologias e comunicação. Muitas delas procuram enfatizar a relação das crianças com as diferentes tecnologias de comunicação e as narrativas audiovisuais, problematizam a relevância e a maneira como criam e produzem saberes e conhecimentos a partir dessas narrativas.

Dessa forma, a pesquisa, em desenvolvimento, busca interrogar as relações das crianças com as narrativas audiovisuais, com as formas de subjetividade contemporâneas, com os processos de diferenciação engendrados nesses processos, com os regimes de verdade sobre os outros e sobre o mundo, forjados nessas condições.

Nosso interesse está, especialmente, na relação entre educação, imaginação, criação e experiência.

Compreendendo a importância da escola na formação dessas crianças e na possibilidade de dialogar com as diferentes linguagens e conhecimentos que produzem sentido no processo de desenvolvimento infantil, estabelecemos o diálogo entre esses conhecimentos que são, por muitos demonizados, inferiorizados e rejeitados nos cotidianos escolares.

### 1.1 – Questões, objetivos e metodologia

O trabalho é desenvolvido por mim, em parceria com dois estagiários de licenciatura em cinema da Universidade Federal Fluminense, com as 27 crianças do quinto ano do ensino fundamental do Colégio Universitário Geraldo Reis e a professora mediadora da turma.

Dentre as questões que norteiam nosso trabalho, destacamos:

- Que diferentes modos de apropriação e de produção de narrativas audiovisuais por crianças indicam para pensarmos uma educação implicada com a afirmação e a expansão da vida na contingência da sociedade midiaticizada (SODRÉ, 2002)?
- Como pensar a apropriação/produção de narrativas audiovisuais nas/com as práticas curriculares no seio da cultura da convergência de mídias (JENKINS, 2009; MARTÍN-BARBERO, 2010), das possibilidades/prescrições inscritas nos artefatos técnicos (FLUSSER, 2002) e dos modos de constituição e apresentação das crianças que as novas mídias favorecem?
- O que se passa ‘entre’ os agenciamentos e o endereçamento (ELLSWORTH, 2001) das narrativas audiovisuais postas em circulação no mercado cultural e nas redes sociotécnicas e os sentidos singulares/coletivos atribuídos pelas crianças e nos usos que delas fazem criando diferença?

- De que forma a apropriação/produção de narrativas audiovisuais opera nas redes de subjetividades que constituem cada criança e nas relações de saber/poder?

Em relação aos objetivos, elencamos:

- Analisar os modos pelos quais diversas narrativas audiovisuais articulam-se nas/com as práticas curriculares e coengendam as redes de conhecimentos, significações e subjetividades tecidas pelos estudantes-professores.
- Analisar, concomitantemente, os modos pelos quais os aparelhos produtores de sons e imagens participam efetivamente das lógicas operatórias mobilizadas na produção de conhecimentos e significações engendrando, assim, diferentes modos de criar conhecimentos e significações.
- Mapear o consumo, os usos e a produção de narrativas audiovisuais pelas crianças que integram o universo da pesquisa.
- Potencializar a produção de narrativas audiovisuais como modo de inscrição, inserção, participação e reinvenção de si, tendo em vista as práticas sociais, culturais e políticas que vão configurando a contemporaneidade.
- Analisar os novos paradigmas da produção audiovisual (analógica e digital), em suas diferenças, hibridações e convergências (produção via celular, webcam, câmeras fotográficas e de vídeo, imagens de bancos de dados, citações e mixagens, etc.) e os regimes de verdade e efeitos de realidade que constituem.
- Explorar a relação entre experiência estética e aprendizagem.

## **Metodologia**

Descrever e estudar mídia, como trabalho educacional, no espaço escolar, ou como trabalho de pesquisa em educação, há que mergulhar naquilo que as imagens midiáticas têm ou deixam de ter como vinculação com a experiência, com aquilo que mobiliza e transforma as pessoas. (FISCHER, 2008, p32.).

Conforme já mencionamos, a pesquisa-intervenção-formação se dá com as 27 crianças do quinto ano do ensino fundamental do Colégio Universitário Geraldo

Reis – Coluni/ UFF, o trabalho teve início no primeiro trimestre de 2018 e se encerrará ao final do mesmo ano. Antevemos quatro eixos de trabalho, a saber:

- No primeiro eixo, apresentamos atividades e instrumentos para incentivarmos a criação/imaginação de memória sobre possibilidades de produções audiovisuais possíveis, articulando-as com as redes de saberes, significações e subjetividades.
- No segundo eixo, selecionamos, exibimos e discutimos, em sala de aula, se uma série de produções audiovisuais que abordavam questões relacionadas a processos educativos, a processos de significação, criação e autoria.
- No terceiro eixo, desenvolvemos a produção de narrativas audiovisuais com as crianças.
- O quarto eixo se dará a partir da avaliação de todo o processo desenvolvido entre os sujeitos da pesquisa, possibilitando resignificar o trabalho, produzir sentidos e diálogos com as questões e objetivos traçados previamente.
- Os quatro eixos estão articulados e, apesar de constituírem etapas distintas da pesquisa conforme planejamento inicial, não haverá impedimentos para se ir e voltar, atravessar e misturar as etapas, concluir e reiniciar os trabalhos desenvolvidos nos diferentes eixos.

### **Os processos formativos e as questões teórico-epistemológicas**

Assim como Hoffmann (2011, p. 139), entendemos as *crianças como co-autoras, sujeitos que negociam, compartilham e criam culturas, conhecimentos e saberes*. É através desta concepção que reiteramos nossa proposição de desenvolvimento de pesquisa com as crianças. Da mesma maneira, compreendo os recursos audiovisuais circularem pela escola, tanto como recurso didático fornecido pelas secretarias de educação, como na proposta de atividade dos professores ou ainda pelos alunos que criam estratégias de inserção dessas tecnologias. Essas narrativas audiovisuais também se apresentam “encarnadas” nos sujeitos, pois fazem parte das diferentes *redes de conhecimento e significação* (ALVES, 2010). O uso de celulares, tablets, câmeras fotográficas se unem a outro recurso que reconfigura todo o cotidiano escolar: a

internet. Esses artefatos provocam fascínio pela possibilidade de produzir e compartilhar no mundo virtual conteúdos que são produzidos cotidianamente com as crianças.

Outrossim, acreditamos que a relação das crianças com as narrativas audiovisuais está intrinsecamente relacionada à questão da oralidade. De acordo com Almeida (2004), elas têm uma história de oralidade como forma de conhecimento do mundo. A oralidade liga-se às produções em imagens e sons por muitos fios, mas principalmente pelo seu *realismo e pela sucessividade no tempo: cadeia de imagens em momento sucessivo/ cadeia de sons sucessivos, compondo um processo metonímico de significação*. (ALMEIDA, 2004, p.9)

O fascínio das crianças por essas narrativas justifica-se a partir da grande repercussão que causam nas bilheterias dos cinemas mundiais, nos produtos comercializados a partir de personagens de filmes infantis (GIROUX, 1995). Todos esses apelos midiáticos “chegam” na escola e precisamos negociar/discutir/problematizar com as crianças essa gama de informações e representações.

Duarte (2009), ao tratar da relação do cinema com a educação, questiona se é possível “ensinar a ver” um filme, tendo em vista os diferentes tipos de discurso que se produzem em torno de um filme. Desse modo, a autora propõe a valorização do consumo e que seja possibilitada a experiência do cinema nas escolas, para em seguida, haver a discussão do que é visto e, com isso, possibilitar o cruzamento de múltiplos discursos e variadas interpretações do cinema na escola.

Se o domínio dos códigos que compõe a linguagem audiovisual constitui poder em sociedade que produzem e consomem esse tipo de artefato é tarefa dos meios educacionais oferecer os recursos adequados para a aquisição desse domínio e para a ampliação da competência para ver, do mesmo modo como fazemos com a competência para ler e escrever. (DUARTE, 2009 p.68)

Concordando com a preocupação da autora, propomos a possibilidade de trabalho das narrativas audiovisuais em nossas práticas pedagógicas, pois esta

linguagem faz parte dos cotidianos das crianças e cada vez mais são por elas valorizadas, despertando curiosidade, fascínio e desejo. Assim, entendemos que necessitamos levantar, sempre que possível, discussões no sentido de proporcionar uma análise mais cuidadosa que o simples fato de consumirmos um produto de diversão despretensioso.

É através dessa perspectiva que desenvolvemos o trabalho com as crianças ao longo desse semestre. Nossos encontros acontecem todas as quintas feiras, das 13 às 15 horas. Num primeiro momento, nosso trabalho era feito na sala de aula, com todos os envolvidos na pesquisa. Essa tentativa de envolver a todos, simultaneamente, neste processo, produziu sentimentos diversos em nós. Muitas vezes o planejamento foi interrompido, saímos frustrados e até desmotivados a continuar.

Entretanto, nosso trabalho enquanto educadores é criar possibilidades de reinvenção, de estratégias e mediação, gerando a valorização de todo o processo de ensino-aprendizagem das crianças. Neste sentido, modificamos nossas estratégias e dividimos as crianças em grupos. Foram três grupos com nove crianças cada.

É importante destacar que as crianças que compõe o colégio universitário Geraldo Reis (Coluni –UFF) são matriculados através de sorteio, não havendo nenhum tipo de prova de nivelamento. É justamente por isso que há uma enorme heterogeneidade nas turmas, produzindo espaços de negociação, disputas, enfrentamentos e valorização das diferenças.

Os grupos foram escolhidos de forma aleatória, justamente para que essas diferenças fossem confrontadas e assim, negociadas, problematizadas e desnaturalizadas. As produções dos grupos refletem de forma significativa essas disputas e negociações.

De acordo com o objetivo inicial, nossa proposta era, além de promover o contato com as narrativas audiovisuais, possibilitar experiências que pudessem valorizar os saberes das crianças, que muitas vezes, são estigmatizadas por dominarem outros conhecimentos que não são valorizados pelos currículos oficiais<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> De acordo com Moreira e Candau (2007, p. 18) os currículos oficiais podem ser compreendidos por conteúdos e planos pedagógicos a serem ensinados e aprendidos, elaborados por professores, escolas e

Os canais de youtubers, canais de TV à cabo e os filmes infantis, sucesso de entre as crianças e adolescentes, promovem o que Giroux (1995) chama de *pedagogias culturais*, e aos parâmetros dessas pedagogias sugerimos o olhar crítico para o que tem sido proposto em termos de representações.

Pedagogicamente, um dos principais desafios consiste em avaliar como os significados dominantes, repetidos nesses filmes e reforçados através de outros textos culturais populares, podem ser tomados como um referente para discutir como as crianças se definem no interior dessas representações. A tarefa aqui consiste em fornecer leituras desses filmes que sirvam como referente pedagógico para discuti-los no contexto no qual eles são moldados, vistos e compreendidos. (GIROUX, 1995, p.64).

As formas visuais associadas determinados personagens, e as classificações a eles associadas definem claramente o lugar que cada sujeito, de acordo com suas características devam ocupar. Deste a fragilidade e dependência emotiva representada nas personagens do gênero feminino, passando pela valentia, força e virilidade atribuída aos personagens masculinos.

Outrossim, a banalização da vida, o consumo desenfreado e ausência de criticidade em diversos conteúdos produzidos nestas narrativas requerem uma problematização cuidadosa. Estas questões são interminavelmente naturalizadas nessas produções. Somos envolvidos por uma fantástica soma de efeitos sonoros e visuais transformando essas fantasias em um conjunto de desejos. Estes, quando alcançados, apresentam a legitimação de papéis e realizações pessoais moldadas com as características predominantes nos contos de fadas, produzindo, muitas vezes sensação de prazer e alegria.

O brilhante uso que a Disney faz de formas estéticas, de partituras musicais e de personagens atraentes tem que ser “lido” à luz de uma análise que problematize as representações dominantes de papéis de gênero, raça e agência, representações que são interminavelmente repetidas nos mundos visuais de televisão, dos filmes de Hollywood e em fitas de vídeo. (GIROUX, 1995, 62 p.)

Tais produções disseminam uma espécie de modelo de modos de viver, legitimam determinados estereótipo e aprisionam, principalmente nos filmes infantis que vem a representar o caminho da ‘felicidade’. As princesas, ou as que virão a se tornar princesas como consequência do matrimônio com o príncipe encantando há décadas são produzidos e reproduzidos e assistido por várias gerações.

No entanto, compreendemos que para além da pedagogização do consumo de dessas linguagens audiovisuais ou de qualquer tentativa de ensinar ou direcionar a interpretação dessas produções, os praticantes das culturas não apenas consomem, mas fazem usos dessas tecnologias, e, tacitamente, interagem com essas obras a partir das suas redes criando outros sentidos. Dessa forma, a intervenção que propomos não tem como objetivo direcionar ou ensinar uma leitura crítica dos meios de comunicação de massa, como propõem algumas tendências em educomunicação, e sim problematizar/questionar/ considerar e fazer aparecerem outros pontos de vista, ampliar as redes com outras possibilidades de conexões. Rincón(2002) apresenta a maneira como as culturais audiovisuais pode produzir outros modos de significação, invenção de si e do mundo:

Las culturas son audiovisuales cuando sin referencia de territorio juntan experiencias instantáneas sentimentales y narrativas y producen estilos de habitar sin llegar a conformar identidades largas; cuando producen un paisaje caracterizado por otras formas de significación, nuevas maneras de percibir, representar y reconocer, inéditas formas de experiencia, pensamiento e imaginación. Las culturas audiovisuales construyen un entorno que hace pensar con las imágenes, paisaje-cultura-mundo audiovisual y tecnológico que brinda un repertorio común desde donde producir el sujeto contemporáneo; paisaje-cultura-local de imágenes e narrativas próximas y afectuales que reivindica las estéticas y las historias cercanas como tácticas legítimas de constitución de la subjetividad. Culturas audiovisuales de la sensibilidad y del pensamiento. ( p. 10)

Nessa perspectiva, diferentes narrativas audiovisuais, constituídas com múltiplas linguagens imagéticas e sonoras, compõem as escritas superficiais, *híbridas*

(CANCLINI, 2003), efêmeras e sensíveis do mundo e de cada pessoa ou grupo social, nas/com as quais lemos, criamos, experimentamos, compomos e compartilhamos a contemporaneidade.

Novamente recorro a ideia de Rincón (2002), onde acredita que as culturas audiovisuais fazem emergir outras formas de significação, isto é, novas maneiras de perceber, de apresentar, de enunciar e de reconhecer, além de engendrar inéditas formas de experiência, pensamento e imaginação. Nessas contingências, segundo esse autor, sensibilidade é a ideia chave para compreensão das formas audiovisuais. Sensibilidade não mais como uma forma de razão que se embasa em argumentos estéticos, ou seja, uma categoria básica para se entender o artista, o intelectual ou o alternativo de bom gosto.

Isto significa, segundo o autor, outro modelo para compreender as dinâmicas da vida social: um modelo que se interessa pelo movimento e que se dirige a um novo regime de reconhecimento e imaginação. Uma maneira de caracterizar este novo regime de sensibilidade, segundo o autor, é pensá-la a partir das formas subalternas de inscrever a vida na atualidade. São perspectivas de produzir sentido que têm sido sistematicamente excluídas da verdade ocidental.

Dessa forma, nossa pesquisa busca interrogar processos de criação e ressignificação das crianças que compõe os cotidianos escolares em suas relações com os dispositivos de produção e circulação de sons e imagens, com as formas de subjetividade contemporâneas, com os processos de diferenciação engendrados nesses processos, com os regimes de verdade sobre os outros e sobre o mundo forjado nessas condições e também com as moralidades que se constituem na chamada ‘sociedade da informação’ e/ou na ‘cultura da convergência de mídias’. Meu interesse está, especialmente, nas relações híbridas (CANCLINI, 2003) entre educação, imaginação, criação e experiência.

## **Considerações Finais**

Nossa pesquisa ainda está em desenvolvimento, mas podemos destacar algumas considerações que nos fazem compreender a importância do trabalho com as narrativas audiovisuais em nossas práticas pedagógicas. Destacamos a possibilidade de

se repensar, de forma mais horizontalizada, os conhecimentos que são transmitidos e valorizados pelos currículos oficiais.

Ainda é possível compreender as crianças como autores, não apenas como consumidores destas linguagens audiovisuais, ter esta compreensão como princípio produz a desconstrução de processos de produção, elaboração e organização que pareciam distantes das vivências das crianças. Ainda sendo possível, promover o diálogo dos modos de agenciamentos e endereçamentos (ELLSWORTH, 2001) em que essas linguagens são elaboradas.

## Referências

- ALMEIDA, M. **Imagens e Sons: a nova cultura oral**. São Paulo, Cortez: 2004.
- ALVES, N. **A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos : para além dos processos de regulação**. Educação & Sociedade. Campinas, v.31n.113, p.1195-1212, out.-dez, 2010.
- CANCLINI. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo, EDUSP, 2003.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- ELLSWORTH, Elizabeth. **Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também**. In: Nunca fomos humanos. SILVA, Tomaz T. (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção estudos culturais, 7)
- FISCHER, R.M. **Imagens da mídia, educação e experiência**. In: GIRARDELLO, G. & FANTIN, MONICA (org.). Liga, roda e clica – estudos em mídia, cultura e infância. In: Campinas, Papyrus, 2008.
- FERNANDES, A, H. **Infância, Cultura e Mídia: reflexões sobre o narrar das crianças na contemporaneidade**. Currículo sem fronteiras, v.11, n.1, p. 138-155, jan-jun, 2011.
- FISHMANN, G. **Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional**.

In: CIAVATTA, M & ALVES, N (org), A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta – ensaios para uma futura**. São Paulo: Relume Dumará, 2002.

GIROUX, Henry A. **A Disneyização da cultura infantil** In: Territórios contestados. SILVA, Tomaz T. ; MOREIRA, Antonio F. (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Novos regimes de visualidade e descentramentos culturais**. In: FILÉ, Valter (org). *Batuques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual no cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: D, P & A, 2000, p. 83 – 112.

RINCÓN, O. **Televisión, video y subjetividade**. Buenos Aires, Argentina: Grupo Editorial Norma, 2002.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.